

SOL

22-03-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 58246

Temática: Política

Dimensão: 122

Imagem: N/Cor

Página (s): 12

Cimeira das Lajes foi ideia de Aznar

Dez anos depois da crise interna, Sampaio deixa elogio a Barroso por ter sido «um excelente gestor de relações de poder».

A escolha das Lajes, nos Açores, para a cimeira que ditou o início da guerra do Iraque partiu de uma sugestão do primeiro-ministro espanhol, José Maria Aznar.

No livro **A Cimeira das Lajes**, lançado esta semana, o investigador Bernardo Pires de Lima relata as circunstâncias em que há dez anos o Presidente norte-americano George W. Bush e os primeiros-ministros britânico Tony Blair, espanhol e português, Durão Barroso organizaram a cimeira que teve lugar dia 16 de Março de 2003. E conta, por exemplo, como perante a sugestão dos norte-americanos para que a reunião decorresse nas Bermudas, Aznar rejeitou que aquela ficasse «**associada a uma peça de roupa**» e contrapôs as Lajes por «**representarem a tradição e vocação atlântica da Península Ibérica**». Portugal foi, assim, arrastado pelas ambições de Espanha e não pôde deixar o palco apenas para o vizinho ibérico.

Mas o livro é o retrato, ainda, de um dos momentos mais tensos que Portugal viveu em termos de conflito entre o Presidente e o Executivo. Jorge Sampaio era contra a guerra no Iraque e só admitia uma intervenção com o aval das Nações Unidas. Apesar das divergências que foram públicas em muitas ocasiões, o ex-Presidente reconhece que Barroso foi, na altura, «**um excelente gestor de relações de poder**». Institucionalmente informou sempre o Presidente (sete meses antes da intervenção já preparava caminho ao apoio português) e partilhou toda a informação dos serviços secretos portugueses, que era de resto, uma mera transmissão dos erros passados pelos serviços norte-americanos, entre outros.

Helena Pereira